

MAGNE VIVA

MUNICÍPIO DE ESPINHO
BIBLIOTECA MUNICIPAL

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO V N.º 281 — PREÇO 9\$00 — 4/2/82

CASA DO POVO SEM CASA

O problema que afecta a Casa do Povo de Espinho — a braços com a falta de instalações — foi recentemente tornado público, quer por um comunicado da sua direcção, quer por um edital (I) «do» Conselho Municipal.

A Câmara é o alvo principal, mas parece nem ter tantas culpas como isso; quanto ao edital do Conselho Municipal (de presidência CDS) parece ter sido feito à revelia dos seus membros, por livre iniciativa da mesa...

LEIA NA PÁG. 3

CONTACTADO, ACEITOU

José Fonseca poderá ser o próximo presidente do Sp. Espinho

Página 7



Imagens como esta repetem-se pelo Concelho: a urgência dos Serviços Municipais de Habitação

Diz o ex-Fundo do Fomento de Habitação

A Câmara deve criar Serviços Municipais de Habitação

O Complexo Habitacional da Ponte de Anta é já um espelho de degradação e não é demais repeti-lo; assunto sempre na berlinda, quanto mais não seja pelo facto de a Câmara Municipal e ex-Fundo de Fomento da Habitação não se decidirem quanto às responsabilidades que a cada organismo cabe na gestão administrativa (e não só) daquele conjunto de casas, verdadeiro amontoado de habitações, remendos da nossa triste e crua realidade social.

Estas e outras questões levaram-nos a encetar um contacto com responsáveis do ex-FFH:

M. Viva — No que se refere ao acompanhamento sócio-cultural dos ocupantes das casas, o que está nos planos do FFH?

ex-FFH — «Não está nada previsto. Nós limitamo-nos a atribuir as casas. Há efectivamente um serviço de gestão patrimonial, e que tem outro tipo de preocupações. Quanto a esse aspecto, verdadeiramente importante, penso que a Câmara terá algumas responsabilidades. Deveria por exemplo criar uns Serviços Municipais de Habitação que se preocupassem com a promoção social e cultural das populações».

Enquanto aproveitámos para dizer que muito se tem falado da criação desses serviços, sem que todavia eles tenham entrado em funcionamento, colocámos outra questão:

M. V. — A pavimentação do bairro é competência do Fundo, uma vez que a Câmara diz não ter quaisquer responsabilidades sobre uma obra que não lhe foi ainda entregue...

ex-FFH — «Os arruamentos são competência da Câmara! Não é responsabilidade nossa!»

Posta perante a questão de uma recente comunicação de um cidadão espinhense sobre irregularidades verificadas no Complexo, a responsável do ex-FFH acrescentaria:

«Infelizmente a lei não nos atribui qualquer poder de decisão imediata nestes casos, pelo que a questão está a ser estudada pelo jurista do Fundo e irá ser remetida para tribunal».

Quisemos ainda saber para quando a conclusão do Complexo (as 240 casas que faltam, o supermercado que consta do projecto, etc...)

«Eu não lhe posso responder sobre isso e os responsáveis estão para Lisboa».

Esta representante do ex-FFH aproveitaria ainda para dizer que a Câmara criando uns Serviços Municipais de Habitação terá uma verba para o efeito. Já agora a pergunta: para quando passar do papel à realidade? Só lá para Novembro, às portas das eleições? Esperemos bem que não...

O «CASO» DE SALES

Vitória do interesse privado ou do Poder Local?

O teor do novo despacho que irá ser dado sobre os terrenos do futuro parque de campismo da cidade continua a constituir uma incógnita cuja resposta é aguardada com grande expectativa por vários sectores espinhenses. A decisão do Supremo Tribunal Administrativo, de declarar o anterior despacho incorrectamente formulado, foi imediatamente aproveitada pelas poderosas forças económicas, lideradas por Manuel Violas, para darem novo alento à sua velha contestação do parque em si mesmo, previsto para uma área onde aquele industrial possui largos metros quadrados.

Para melhor levar a água ao seu moinho todos os argumentos foram bons, desde a propagação descarada de falsos dados sobre o número de proprietários a expropriar, até à manipulação dos pequenos proprietários, logicamente dispostos a defender da melhor maneira os seus interesses. O certo é que os propalados mil proprietários a expropriar atingirão, quando muito as três centenas, e a verdadeira área para expropriação não atinge sequer o milhão, quedandose pelos 800 000, muito longe portanto dos grandes títulos que falavam em 2 000 000.

Isto é sinal evidente da ca-

pacidade de manobra de que usufruem os grandes interesses privados, não faltando mesmo razões para haver quem pense que a decisão final do governo poderá ser favorável a Manuel Violas. A concretizar-se tal possibilidade, os reflexos dessa decisão seriam certamente os mais graves a nível do poder local espinhense, que se veria assim na prática desautorizado para proceder futuramente a quaisquer expropriações. Seria, por outro lado, uma cedência nítida, e para a qual haveriam de ser encontradas razões, tanto mais gravosa e inexplicável quanto é certo que a instalação do parque de campismo nos terrenos de Sales foi sucessivamente aprovada por diversas

entidades que tiveram de dar os seus pareceres.

Por mais que se pretenda fazer crer outra coisa, tudo se resume a saber se as influências particulares de um industrial habituado a fazer-se obedecer à sua voz de comando serão mais poderosas e bem aceites pelo poder central do que as múltiplas decisões de órgãos de poder local espinhense e diversas entidades oficiais. Num ano de eleições autárquicas, e nas circunstâncias particulares da correlação de forças políticas em Espinho, a decisão encontrada para este caso poderá desde logo permitir interessantes análises dos cenários que nos poderão aparecer lá para Novembro.

NASCENTE:

A actividade para Fevereiro

NASCENTE — uma Cooperativa, oito secções, muito trabalho. Na página 5, uma coluna dedicada à actividade próxima dos seus vários sectores.

Folheie e veja que o Cinanima já trabalha, que o Centro Livreiro reabriu, que o Cineclubes vai ter uma sessão.

Isso e mais alguma coisa na «Coluna Nascente».

Página 5

CIDADE

SARDINHA DA PEQUENINA!

«A gente vem comprar o peixe aqui porque sempre fica mais a jeito para dar as nossas voltas pela cidade do que se comprássemos lá na loja». Assim nos explicaram algumas peixeiras a razão porque, diariamente, aí pelas nove horas, se juntam em grupo, ali por alturas da feira, aguardando a chegada do camião de peixe.

«Como nós vamos depois para o lado de cima da cidade, até Anta e por aí, aqui fica mais perto. Mas também se vende lá na loja, e há as que compram lá». Segundo nos disseram, são ainda muitas as mulheres que fazem a venda do peixe de porta em porta, e o número tende mesmo a crescer, já que a situação difícil que se vive na fábrica de conservas de peixe da cidade não deixa muitas alternativas às operárias que têm de olhar pela sua vida: «E vai-se vendendo, graças a Deus», dizem-nos. «Mas quem ganha mais

com isto não somos nós, não, são mas é os que vão a Matosinhos carregar os camiões de peixe, que arrematam lá barato e mal chegam aqui, para nós já fica para aí o dobro. As camionetas é que o ganham». O peixe que trazem é praticamente só sardinha, em caixas de vinte quilos, cujo preço varia. No dia em que lá estivemos, cada caixa era vendida a 350\$00, «mas já chegaram a estar a mais do conto de reis». No fim da semana, então é altura de fazer as contas e pagar as caixas que foram levando ao longo da semana.

Entretanto, chega a camioneta e as mulheres deixam o sol para disputar as caixas do peixe. «Bota aí duas caixas à Júlia «Galamba» e outras duas à Maria «Emila». Está tudo?» Caixa à cabeça, um olhar rápido antes de atravessar a rua, e já o pregão se levanta na cidade estremunhada: «Sardinha da pequenina!»

NOVA VAGA DE ROUBOS

Na semana passada verificou-se um recrudescimento da actividade dos tão célebres «amigos do alheio». Ao que parece, a actividade da gatunagem, em Espinho, tem algumas parecências com o mar — tem marés altas e baixas... Discriminemos, pois, as «ondas» desta maré alta do fanço, na nossa cidade:

— O gosto pela música continua bem vivo nos gatunos da nossa praça. Disso mesmo se pode queixar António Manuel de Oliveira, a quem, de dentro do seu carro furtaram um leitor de cassetes e mais sete cassetes. O carro estava estacionado na rua 31.

— Mais «domésticos» foram os larápios que resolveram «jogar em casa» e entraram mesmo na residência de Olga Dias, na rua 30, por meio de chave falsa, donde subtraíram três contos.

— A nossa feira é o palco habitual dos gamanços semanais. Desta vez, a lesada foi Maria Teresa Pinto que ficou sem o porta-moedas que continha oitocentos escudos.

— 4 VNG-55-86 é a matrícula da motorizada pertencente a António Teixeira, de S. Félix da Marinha, e da qual o seu proprietário está temporariamente privado. Roubaram-lha, quando estava «posta em sossego» na rua 62.

E, para desgraças, já chega...

Sem vencimento desde Outubro!...

Esta é a triste situação a que o MEU levou alguns professores primários não-efectivos do nosso distrito, conforme tivemos conhecimento por meio de um comunicado chegado à nossa redacção. Desse documento citamos a seguinte passagem, suficientemente elucidativa desta situação: «O ordenado deve estar a chegar. É preciso ter paciência... dizem-nos. Mas podemos-nos alimentar com paciência? Podemos-nos vestir com paciência? O senhorio da casa aceita o pagamento das rendas em paciência?»

No mesmo documento salienta-se que alguns professores receberam parte dos seus vencimentos desde Outubro, ignorando ainda quando receberão o restante. Isto

para além de reclamarem (justamente, diga-se) contra uma situação que é típica de boa parte dos docentes deste país, sejam primários ou doutros graus de ensino — a incerteza do local de colocação de ano para ano, o que os leva, em muitíssimos casos, a serem verdadeiros «vendedores ambulantes».

E o comunicado deste grupo de professores primários do distrito de Aveiro termina assim: «Não podem ser os professores do Ensino Primário a pagar a factura da incapacidade do governo, da incompetência dos ministros e da desorganização dos Ministérios».

Palavras para quê? É mais uma atitude deste governo português... E que atitude!

MARÉ VIVA

SEMÁRIO

Director: ANTONIO SANTOS

Redacção: RUA 62 N.º 251-1.º TEL. 721621 — ESPINHO

Propriedade: N A S C E N T E — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número: António Santos, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, Luís Costa, Nuno Barbosa, Manuel Fonseca e Victor Sousa (redactores); Ana Maria, Augusto Mota, Eugénio Morais e Olívia Silva (colaboradores de redacção).

Composição e impressão: TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L. RUA 14 N.º 903 — TELEF. 721016 Tiragem média: 1.500 exemplares



paragens egípcias, complementada com algum humor, é o assunto a desenvolver.

Sábado, 6 OS BOINAS VERDES

M/ 13 anos
Exibir uma fita destas 7 anos após a derrota americana no Vietnam é puro masoquismo. Eles matam, eles esfolam, eles fazem isto, eles fazem aquilo e depois foi aquilo que se viu. É com estas e com outras que os «John Waines» apanham grandes desaíres.

Domingo, 7 O EXÉRCITO SECRETO

M/ 13 anos
Não, leitor, o título desta fita não tem nada a ver com a interessante série inglesa que está a ser exibida no canal 2 da TV. Aqui trata-se de uma pessegada feita há já mais de 10 anos e que a distribuidora, sempre espertalhona, lançou, na oportunidade, para tirar proveito da confusão dos nomes.

Terça-feira, 9 ANIVERSÁRIO MACABRO

M/ 18 anos
Por aqui já sabemos onde se vai. Se tem interesse que justifique, não nos podemos pronunciar, pois quase nada sabemos quanto á origem de tal película.

Quinta-feira, 4 O MUNDO PERFEITO DE SIMON

M/ 13 anos
Quando vemos nomes como Alan Arkin e Madeline Khan no elenco de um filme logo nos cria a expectativa de uma divertida comédia. Mas infelizmente o efeito passa depressa ao verificarmos que quem os dirige não tem talento para deles tirar todo o proveito. A coisa sai engraçadinha de facto, no entanto, longe do que lhes conhecemos de melhor.

Sexta-feira, 5 A ESFINGE

M/ 13 anos
O «know-how» do cinema americano, quando quer, sabe fazer trabalhos de nível desejável, sem ter que se esforçar muito. Um argumento interessante, um naipe de intérpretes medianos e um realizador experiente como é Franklin Schafner, e a receita resulta naturalmente. Uma história de aventuras em

Município de Espinho

EDITAL N.º 8/82

José Carvalho da Fonseca, Presidente da Câmara Municipal de Espinho:

Faz-se público, que durante o prazo de 20 dias, a contar do dia seguinte ao da publicação do presente edital, no Diário da República, está aberto concurso público para a execução da obra de «AUMENTO DO CORPO DA FACHADA NORTE DO EDIFÍCIO DOS PAÇOS DO CONCE-LHO».

Base de licitação 4 000 000\$00
Depósito provisório 100 000\$00

Só podem ser admitidos ao concurso, concorrentes nacionais, titulares de alvará da 1.ª categoria (Construção Civil) e da classe correspondente ao valor da sua proposta.

Os depósitos podem ser substituídos por garantia bancária nos termos da lei.

O programa do concurso e caderno de encargos, encontram-se patentes todos os dias úteis, dentro das horas de expediente, na Secretaria da Câmara Municipal.

A abertura das propostas que devem ser entregues nesta Câmara Municipal ou enviadas pelo correio, sob registo, será feita pela Comissão nomeada para o efeito, no primeiro dia útil seguinte ao fim daquele prazo, pelas 15 horas, na Sala de Reuniões da Câmara Municipal de Espinho, salvo se este coincidir com sábado, que será no primeiro dia útil que se seguir.

Espinho e Paços do Concelho, 29 de Janeiro de 1982.

O Presidente da Câmara, José Carvalho da Fonseca

Farmácias

- Quinta — Teixeira — Av. 8 Centro Comercial - Tel. 720352
- Sexta — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 720331
- Sábado — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 720250
- Domingo — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 720320
- Segunda — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 720092
- Terça — Teixeira — Av. 8 Centro Comercial - Tel. 720352
- Quarta — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 720331

MURPI manifesta-se em Espinho

«Os reformados querem viver dignamente. Rejeitam a austeridade que mata os pobres e enriquece os ricos». Este é um dos motivos que leva os reformados, pensionistas e idosos do Distrito de Aveiro a promoverem uma manifestação amanhã, sexta-feira, pelas 15,30, no Largo da Câmara Municipal de Espinho.

Esta concentração visará ainda protestar contra «o aumento desenfreado dos produtos alimentares, o agravamento dos custos dos cuidados médicos, o aumento dos transportes e da miséria das pensões».

Contestando frontalmente a política actual do governo AD no respeitante ao sector da po-

pulação que este movimento representa, o MURPI reclama melhores cuidados médicos e medicamentos gratuitos, a construção de alojamentos sociais, a fixação das rendas de casa, tendo em conta os baixos rendimentos dos reformados, e a actualização condigna das pensões, tendo em conta o aumento do custo de vida.

É precisamente contra estes casos de flagrante injustiça social que a Comissão Distrital de Aveiro do MURPI apela à participação de todos os reformados, idosos e pensionistas do distrito na concentração de amanhã, frente à Câmara da nossa cidade.

Centro de Assistência Social tem novos Corpos Gerentes

Existem na cidade certas agremiações que, muitas vezes na sombra, vão exercendo a sua actividade, contribuindo, dentro das suas possibilidades, para uma tentativa de resolução de alguns problemas que nos afectam.

Está neste caso o Centro de Assistência Social de Espinho, entidade que há pouco tempo viu eleitos os seus corpos gerentes para o triénio de 1982/84, e que são os seguintes:

Assembleia Geral — Presidente — Arq.º Sérgio Gonçalves; Secretários — Joaquim Ferreira Cadinha e José dos Santos Almeida.

Direcção — Presidente — Arq.º Jerónimo Ferreira Reis; Secretário — José Almeida; Tesoureiro — Fernando Pinto de Castro, e Vogais — Carlos Rodrigues Camarinha e Valdemar Alves Ribeiro.

AGRADECIMENTO

Manuel Gomes de Oliveira

A família do saudoso extinto agradece reconhecida a todos quantos a apoiaram na sua dor e tomaram parte no funeral.

CASA DO POVO SEM "CASA"

A Casa do Povo de Espinho esteve instalada durante muito tempo no edifício do antigo Grémio do Comércio. Como se sabe, a «reformulação» levada a cabo na baixa espinhense «atingiu» também aquele edifício e concomitantemente as instalações da Casa do Povo.

Desde essa altura não mais aquele organismo encontrou «residência» permanente. A Câmara, a título precário, remeteu a Casa do Povo para uma dependência da Junta de Paramos. Não desistindo, continuou a Direcção da Casa do Povo a tentar conseguir casa própria. Surge então a possibilidade de uma loja, devoluta, no Mercado Municipal.

Estabelecem-se contactos com a Câmara, procura-se a sede fixa tão desejada.

Só que o Edital 1/82 da Câmara Municipal anula tais intenções, ao pôr a concurso público a referida loja. A direcção da Casa do Povo indigna-se, o Conselho Municipal mostra também o seu repúdio pela decisão do executivo, fazendo-o sob a forma de Edital: «(...) Intempestivamente a Ex.^a Câmara deliberou, em sua reunião ordinária de 17/12/81, propôr a concurso público através do Edital 1/82, as instalações devolutas do Mercado Diário Municipal «adjudicação» destinada a comércio, tendo essa edilidade, desde 9/9/81, pleno

conhecimento da entrega à Assembleia Municipal dum processo-petição que incidia, expressamente sobre as ditas instalações (...).

Perante tal situação de facto, foi o seguinte o parecer dado pela mesa do Conselho Municipal:

«(...) Que seja considerada ineficaz a deliberação da Ex.^a Câmara sobre esta matéria e de nenhum efeito o concurso que, nos termos do Edital acima referido, foi publicitado, até que a Assembleia Municipal se pronuncie sobre o assunto em causa; (...).

Na sequência de todo este processo a direcção da Casa do Povo elaborou o seguinte comunicado:

Casa do Povo de Espinho COMUNICADO

A Direcção da Casa do Povo, tendo conhecimento pelo Edital n.º 1/82, da deliberação de Ex.^a Câmara Municipal de Espinho de abrir concurso público para a «adjudicação» de uma loja no Mercado Diário Municipal, destinada ao comércio e julgando interpretar os le-

gítimos anseios dos seus contribuintes e pensionistas, cerca de cinco mil, leva ao conhecimento público que a Ex.^a Câmara por tal deliberação pretende denegrir não só esta Direcção, com a própria Assembleia Geral deste Organismo, pelo empenho posto desde longa data, (6 de Março de 1981), para que nos fossem cedidas instalações para os seus Serviços Administrativos, que foram transferidos pela própria Câmara, facto a que esta Direcção é estranha, para uma dependência da Junta de Freguesia de Paramos, a título precário, devendo esta Câmara, como lhe compete, assegurar a cedência de tais instalações, tal como acontece com a Secção de Estrangeiros, do Ministério da Administração Interna.

Mais levamos a conhecimento público que sendo a Casa do Povo um organismo de Previdência Social e de âmbito cultural tenha sido tão fortemente subestimada pela Ex.^a Câmara, que devia acatular os interesses gerais da população que esta Casa do Povo serve, mesmo com possível prejuízo de qualquer entidade privada ou rendimento do erário público.

Paramos-Espinho, 9 de Janeiro de 1982

A Direcção

PCP DEBATE AUTARQUIAS

Conforme noticiámos no nosso último número, a Comissão Distrital de Aveiro do PCP promove no domingo, dia 7, pelas 14,30 horas, na Escola Secundária de Oliveira de Azeméis, um Encontro Distrital sobre as Autarquias Locais.

Para sabermos mais informações sobre o Encontro, falámos com Francisco Lancinha, membro do Comité Central daquele partido.

MV — A C. D. Aveiro do PCP vai realizar um Encontro Distrital do Partido sobre as autarquias no próximo dia 7 de Fevereiro em O. Azeméis.

Porquê este Encontro e quais os seus objectivos?

FL — Este Encontro é a primeira iniciativa distrital do Partido tendo em conta as eleições para as autarquias no final do ano.

Em primeiro lugar, o Encontro visa dinamizar o trabalho do Partido na frente das autarquias e assegurar um melhor acompanhamento a nível distrital, concelho e de freguesia. Em segundo lugar, é objectivo deste Encontro travar uma ampla discussão colectiva sobre a apresentação de listas capazes de manter e reforçar a confiança popular na APU. Por último, o Encontro é promovido pelo Partido mas aberto a todos os democratas interessados na existência de um Poder Local verdadeiramente democrático ao serviço das populações do nosso distrito. Pensamos que nele devem participar não só os mais de 150 eleitos da APU nos diferentes órgãos autárquicos do Distrito mas ainda todos os candidatos da APU às eleições de 1979, quer sejam membros do MDP, independentes, ou democratas sem partido e algumas

centenas de membros do Partido que sem responsabilidades directas nesta frente importante do nosso trabalho, têm no Encontro uma importante contribuição a dar neste Encontro, do ponto de vista da discussão a haver e também no empenhamento na formação de listas para os diversos órgãos autárquicos do Distrito.

MV — A CDA do PCP já definiu objectivos no que se refere às eleições autárquicas no final de 82?

FL — Sim. O objectivo definidos por nós é apresentar listas em todos os órgãos autárquicos de distrito de Aveiro. Estamos convictos que isso será possível, com o empenhamento de todo o Partido, do MDP, de todos os democratas com e sem partido e ainda com pessoas que tendo posições completamente opostas às defendidas pelo PCP têm verificado na prática que são os eleitos do PCP e outros democratas da APU, que mais empenhamento se têm batido pelas aspirações e interesses das populações.

Muitas pessoas que fizeram parte do PS e até do PPD e CDS — AD — afirmam hoje publicamente que a política das forças pelas quais se apresen-

taram e que estão no Governo têm sido os principais obstáculos, a que nas Autarquias se faça uma política que sirva verdadeiramente os interesses das populações.

MV — Porquê o Encontro em O. Azeméis?

FL — O. Azeméis é o 2.º concelho onde a APU obteve mais votação em 1979. Esta é uma razão. Mas há mais. A dedicação, capacidade e espírito de abertura dos eleitos da APU nas autarquias do concelho tem justamente reforçado o prestígio desta coligação perante as populações.

MV — Quer abordar ainda que resumidamente a experiência dos eleitos da APU nas autarquias do distrito?

FL — No fundamental a acção dos eleitos traduz-se por um saldo francamente positivo. Apesar de minoritários nos órgãos autárquicos do nosso distrito, os eleitos da APU intervêm em muitos casos decisivamente para a solução dos problemas das populações. São os eleitos da APU que corajosamente se têm batido pela Aplicação da Lei das Finanças Locais. Os sucessivos governos de direita têm espoliado as Autarquias daquilo a que têm direito; assim, em 1979 as autarquias foram privadas de 15,2 milhões de contos, em 80, de 24,945 milhões e em 1982, de acordo com a proposta do Governo, será de 45,4 milhões de contos a importância em que as autarquias se vêem defraudadas.

Só no distrito de Aveiro a diferença entre a proposta do Governo e o que estabelece a lei é de 2.543.190 contos. É esta importância que o Governo AD se propõe espoliar às autarquias no Distrito.

JOSÉ FONSECA:

«Uma medida infeliz e intempestiva»

Sobre tudo isto e porque a Câmara é no fundo a principal visada e alvo das críticas quer do Conselho Municipal, quer da Casa do Povo, ouvimos José Fonseca:

«Não tenho nenhum depoimento particular a fazer sobre o assunto, apenas me manifesto surpreendido com o edital do Conselho Municipal. Foi sem dúvida uma medida infeliz e intempestiva. Com esse edital mais não se pretende do que fazer um afrontamento à Câmara Municipal, para além de o mesmo não revestir nada de construtivo.

Curiosamente, coloquei o problema ao Governador Civil, que para além de achar «divertido», me informou que o referido no edital carece de fundamento jurídico.»

Sobre a posição tomada pelo Conselho Municipal foi esta a resposta de José Fonseca.

Quanto ao problema concreto com que se debate a Casa do Povo, acrescentaria o Presidente da Câmara:

«Bom, quanto à questão das instalações, penso que a Casa do Povo está na situação de outras entidades como por exemplo a «Liga dos Combatentes», isto é, dependentes directamente de organismos centrais. A resposta portanto tem que ser dada a nível governamental, pois o governo é que superintende. Claro que da nossa parte, Câmara Municipal, procuraríamos resolver o problema se para isso tivéssemos facilidades. No entanto, poderemos interceder junto das entidades competentes no sentido do solucionar este problema que se coloca à Casa do Povo.

Mas volto a referir: a responsabilidade directa neste assunto não é da Câmara Municipal...»

Edital do Conselho Municipal

Alguns membros não souberam de nada!

Analisando minimamente a questão da Casa do Povo, e para além da justiça ou não das pretensões da sua direcção, parece-nos que não será o edital a forma adequada para se tomar uma posição pública discordante em relação a um outro edital da Câmara — referimo-nos à decisão do Conselho Municipal.

Por outro lado, parece não ter sido determinação de todo o Conselho Municipal a publicação do citado edital e a prová-lo está a discordância de alguns dos seus elementos que inclusivé já estão a fazer cir-

cular um comunicado/convocatória, com o objectivo de marcar uma reunião do conselho e colocar uma série de questões à mesa, que pelos vistos avançou com a decisão sem dar cavaco às tropas!

Será que é mania dos presidentes AD que estão à cabeça de alguns órgãos da autarquia, o tomar decisões à revelia de tudo e todos? Mas que democracia é a defendida por estes senhores?

É que democracia não é só «pluralismo» — é também e fundamentalmente respeito pela opinião e estatutos de cada um.

NAS AUTÁRQUICA INTERCALARES

APU VENCE EM FIÃES

Com a vitória alcançada nas eleições intercalares de Fiães realizadas no passado domingo, a APU conquistou a sua primeira presidência de um órgão de poder local no distrito de Aveiro. Ocorrendo menos de dois anos depois da eleição de Vital Moreira como deputado, este parece ser um novo sinal da crescente adesão que aquela força política vem justificando num distrito onde a maioria da AD a nada de relevante tem conduzido.

Numas eleições em que a percentagem de participantes foi muito positiva não se poderá argumentar com o peso da abstenção para o balanço final, que se saldou em sete eleitos para a APU (1415 votos), quatro para o PS (904 votos) e três para o CDS (882 votos). O cabeça de lista da APU, Strecht Monteiro, virá assim a presidir à Junta de Freguesia, para já por alguns meses, até às eleições de Novembro.

Aquário - Marisqueira

RESTAURANTE — CERVEJARIA

Especialidade em Mariscos e Peixe Grelhado

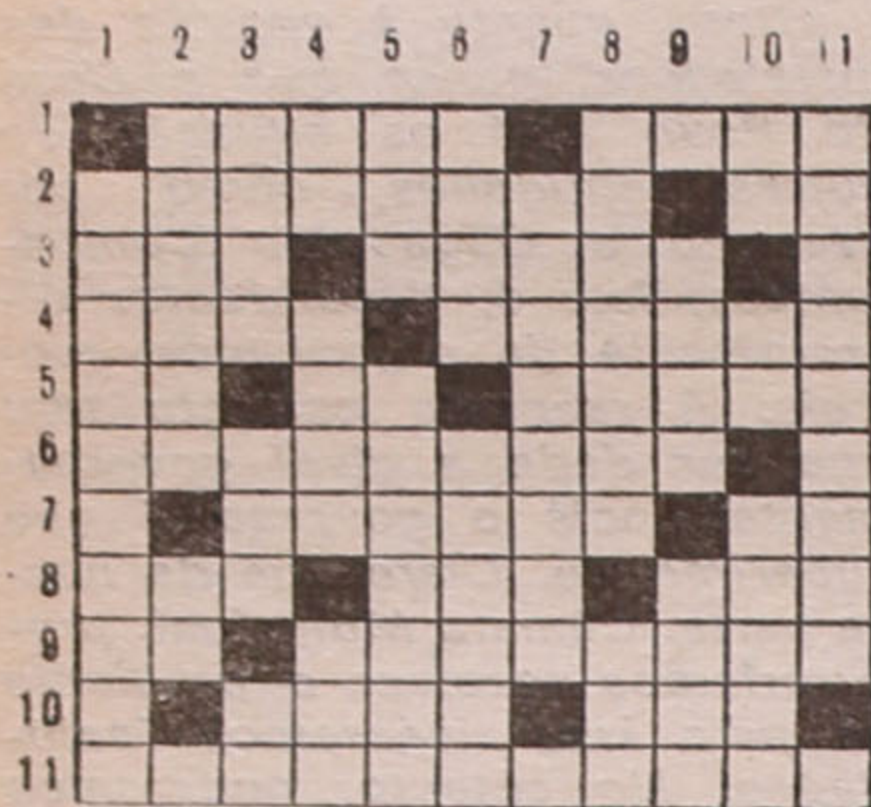
Rua 19 n.º 28

Telef. 720377

ESPINHO



N.º 128



passa por cima; 10 — Nome masculino; camareira; 11 — Falta de noção do risco.

VERTICAIS

1 — É o homem forte da Polónia; 2 — Dera brilho; United Nations; 3 — Rezam; um botequim baralhado (interp.); empresa pública; 4 — Mil e quinhentos; fornecer asas; i.e. tras de «rola»; 5 — O dia 1 de Janeiro foi o seu Dia Mundial; aborreceu; 6 — Agência Nacional de Informação; nome de princesa dinamarquesa; 7 — Furioso; 8 — O violoncelo regional; prefixo que significa «universal»; 9 — Oportunidades; o MEU já se chamou assim; 10 — Estás; prefixo de privação; captural; 11 — Espécie de compota, muito popularizada.

SOLUÇÕES DO N.º 127

HORIZONTAIS

1 — Luxo e solenidade; es-tão alegres; 2 — Um dos paí-ses árabes vizinhos de Israel; saudável; 3 — O deus dos maometanos; o grego que o ci-nema tornou famoso; 4 — É in-dispensável à poesia popular; consideram muito; 5 — Cidade da Antiga Caldeia; ali; figura-ção de divindade religiosa; 6 — Balbúrdias; 7 — É indispensável a qualquer aristocrata que se preze; nota musical; 8 — Anda às voltas da Terra; Sindicato das Trabalhadoras Domésticas; mil quatrocentos e noventa e nove; 9 — S. q. do estanho;

HORIZONTAIS

1 — Moçambique; 2 — xi; avulso; 3 — NT; Sol; impa; 4 — ire; país; US; 5 — pls-tola; EMI; 6 — ungira; imos; 7 — artistas; 8 — AIN; ocea-nos; 9 — Crac; alle; 100 — Aarão; II; AD; 11 — Artlmanha.

VERTICAIS

1 — manipulação; 2 — Trln; IRA; 2 — CX; esganara; 4 — ais; TIR; car; 5 — Oporto; ot; 6 — Balalaika; 7 — IV; la; selim; 8 — quis; Itália; 9 — Ulm; emane; 10 — espumoso; ah; 11 — oásis; seda.

Maré - Rua

Tabaco: Greve ao vício

«E você, como se tem arran-jado com a falta de tabaco?» Questão que muito directamente tem tocado aos inúmeros fu-

madores, e agora que a greve do sector deixou vazios os stocks no mercado, valeu-lhes (?) a célebre importação de tabaco

espanhol, por muitos largamen-te contestada. Na rua, disseram-nos da sua justiça... e nem uma «beata» nos ofereceram.

gociata infame. A custa de uma luta de trabalhadores, promove-se e incentiva-se o contraban-do. Por outro lado, não se com-preende que o tabaco importado seja vendido ao dobro do preço, isto é, em Espanha cada maço custa à volta de 35 a 40\$00. Cá paga-se 72\$50. É o novo modelo importado de negócio da China.



O vício obrigou-me a recorrer ao tabaco importado. Por isso, não tenho fumado o tabaco de que gosto, mas espero que se-rão poucos dias. Normalmente, fumo SG filtro. É outra coisa, mas à falta de melhor, fuma-se isto. No entanto, julgo que o preço é muito elevado. As di-ficuldades vão continuar mas há que matar o vício...

António M. Silva
Riomeão



Rui Costa
Anta

Não tenho grande dificuldade em arranjar tabaco. O tabaco espanhol vai remediando mas não satisfaz, e quanto ao pre-ço... é muito caro! Deveria pagar o imposto mínimo. O gover-no aproveitou a circunstância para gastar o dinheiro que nos faz falta. Para finalizar, o go-verno teve um comportamento de fura greves.

José Casaleiro
Espinho

Tabacol «Isto é que vai uma crise». Para já, ainda não me faltou o tabaco português, mas quando faltar não fumo o es-pañhol. É muito caro. A medida do governo é incorrecta. Cheira a negociata, embora se des-conheçam os pormenores, como é óbvio. Por outro lado, vamos ter que aguentar o tabaco im-

ALFAIATARIA MANO
José Ricardo Mano
Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança
Rua 30 n.º 731 — ESPINHO
Telef. 721823

FONSECA
TECIDOS MODAS
Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413
ESPINHO

Pinto de Matos
Articulações
Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações
REUMATOLOGIA
Rua 19 n.º 364 - 1.º — Telef. 721218
ESPINHO

Moreira da Costa
CIRURGIA GERAL
E VASCULAR
Rua 20 n.º 520 - 1.º
Telefone 721014
ESPINHO

Casa MARRETA
Pedro da Silva Lopes
Especializada em:
Arroz de marisco, Lulas, Enguias, Caldeiradas, Açorda de peixe, Bons vinhos.
RUA 2 N.º 1355 — ESPINHO
TEL. 720091

CLINICA GERAL
J. Pinheiro de Moraes
Rua 20 n.º 390
TELEF. 720452

RUI ABRANTES
ADVOGADO
Rua 18 N.º 582 - 1.º Esq. — Sala 3
Telef. 723424
ESPINHO

CAFÉ e RESTAURANTE
COPÉLIA
Almoços e Jantares
Serviço à lista
Especializado em
Casamentos e Baptizados
Grande Variedade de
Patiscos
R. 23 n.º 808 - Tel. 723152
ESPINHO

Para o seu lar papéis pintados laváveis COLOWALL. Plásticos para cozinhas e casas de banho, alcatifas, etc..
ORÇAMENTOS GRÁTIS
Fernando Rodrigues Lima
Trav. da rua 5 — Telefone 721739 — ESPINHO

Continua a haver tabaco à venda e enquanto houver fuma-se. Com o pretexto da greve, concretizou-se mais uma ne-



portado até ao seu consumo total. Só depois disso é que teremos a Tabaqueira a lançar o tabaco nacional no mercado. Acho que medidas como esta apenas estimulam o contraban-do, ao contrário do combate que o mesmo governo pretende lançar contra este tipo de ne-gócio.

Estela Maria
Espinho



Não me preocupo com a falta de tabaco. Só hoje consegui fumar um cigarro, ontem não fumei. Não há tabaco, não se fuma. No entanto, fumo há 40 anos. Como ouve, os meus brônquios não me deixam mentir. Ainda ontem me pediram 135\$00 por um maço de tabaco. É claro, agradei e pedi que o guardasse e o tapasse com uma toalha, para não se estragar. O tabaco importado que está à venda, convida ao contrabando. Parece que estamos nos anos 40 em que se vendia um cigarro por 1\$00, quando o maço cus-tava 2\$00!!

Fernando Milheiro
Espinho

AMENDOEIRAS NO DOURO
20 a 21 de Fevereiro
Viagem em autopullman de luxo - Lugares limitados
Faça já a sua inscrição na
CONCORDE - Agência de Viagens e Turismo
Rua 12 n.º 628 — Apartado 114 — ESPINHO
Telefs. 721941 e 721285 — Telex 24407

COLUNA NASCENTE



CINECLUBE

O Cineclub Nascente, secção com tradições no seio da Cooperativa, vai realizar mais uma sessão no próximo dia 20, em colaboração com a gerência do Cine-Teatro S. Pedro.

O filme a exibir traz a marca da qualidade e do prestígio conquistado além-fronteiras. Trata-se da película «Francisca», do realizador português Manoel de Oliveira.

Um filme inspirado na obra de Agustina Bessa Luís, «Fanny Owen». Um tipo de cinema muito especial e por vezes difícil de captar. Uma boa oportunidade no entanto, para fazer o ponto da situação do novo cinema português.

E se é sócio da Nascente, passe pela Cooperativa nos dois dias anteriores à exibição e levante, gratuitamente, o seu bilhete. Na sala do Cine-Teatro S. Pedro, dia 20.

Cinanima está aí

Já se trabalha com afinco na organização do 6.º Festival de Cinema de Animação, o CINANIMA 82.

Efectivamente já se fizeram diversas reuniões, que periodicamente se repetirão até Novembro.

Com o IPC (Instituto Português de Cinema) houve já um encontro. Da boca de um membro da Comissão Administrativa daquela entidade oficial, soube-se que será mantido o apoio ao festival «porque o IPC aposta fundamentalmente em iniciativas que já tenham dado garantias de êxito». Por outro lado é certo e sabido o corte de verbas que o IPC sofreu no seu orçamento para 1982... O que apesar de trazer dificuldades não inviabilizará o certame.

Quanto aos «ateliers» trabalha-se com empenho num novo projecto de trabalho. Para breve haverá novidades... CINANIMA 82: uma certeza que já «rola»!

Centro Livreiro: reabre segunda-feira

Depois de um longo período em que esteve fechado para reformulação de trabalho, reapetrechamento e balanço, reabre na próxima segunda-feira o Centro Livreiro — Nascente.

Para já trabalha-se fundamentalmente com duas editoras: a Digilivro e a C.D.L. (que como se sabe engloba várias outras). Estuda-se de momento a possibilidade de um contacto regular com a Livraria Bertrand.

Nos livros, os associados da Nascente passarão a usufruir de um desconto de 15%; quanto aos discos, também com desconto, vai ser seguido um processo ligeiramente diferente do habitual, que por um lado evita o armazenamento desmesurado e por outro lado permite ao sócio a compra das edições mais recentes. Assim, quando quiser um disco basta solicitá-lo no C. Livreiro, que num curto espaço de tempo o terá nas suas mãos... E com desconto!

Embora diariamente se encontrem responsáveis do Centro Livreiro na sede da Cooperativa, estará em vigor um horário fixo de funcionamento para três dias da semana:

- Segunda-feira, das 17 às 19,30 horas
- Quinta-feira, das 21 às 22,30 horas
- Sábado, das 15,30 às 18 horas

CORO

E

TEATRO



Acabadas as «Janeiras», iniciativa em que estas secções trabalharam em conjunto, cada uma delas voltará aos seus planos normais de trabalho.

Assim, o Coro irá trabalhar na concepção de novos esquemas de apresentação em público, tendo por base o critério que tem presidido na elaboração dos seus espectáculos: a busca do diferente, do original. Entretanto já vários espectáculos estão marcados, nomeadamente em Lourosa e S. João da Madeira. Está prevista também a participação do CPE num encontro de coros que terá lugar em Lisboa na próxima primavera.

Quanto ao Teatro, está empenhado em repor em cena a peça «Egano de Galluzi», um texto de Domingos Oliveira com base num conto de «Decameron» de Boccaccio. Para breve a estreia em Espinho de um espectáculo que já foi rodado na região e inclusivé apresentado no festival da «APTA», em Évora.

Pró-auditório

Até ao próximo dia 25 irá intensificar-se a distribuição das rifas Nascente pró-auditório.

Se ainda não tem, procure-as: Custa-lhe 10 prestações de 200\$00 e habilitam-no a prémios que vão até aos cento e cinquenta contos! Ajude a Cooperativa e ajuda-se também a si.

CENTRO DE ESTUDOS NASCENTE

Porta aberta aos trabalhadores-estudantes

«O Centro de Estudos da Nascente é, sem dúvida, uma realidade muito importante em Espinho, porque para os trabalhadores-estudantes são claras as vantagens que oferece, e em que merecem destaque os preços módicos que aqui se praticam».

Assim se expressou um dos alunos que actualmente frequentam o Centro de Estudos numa breve reportagem que fizemos no local, numa das noites de seu funcionamento, e assim se pode, na verdade, resumir grande parte do valor e importância daquela secção da Nascente. Em funcionamento ininterrupto desde 1976, nem as grandes dificuldades que têm surgido no seu caminho foram ainda capazes de deitar por terra o esforço dos poucos que mantêm de pé aquela aposta numa alternativa válida aos estabelecimentos de ensino que vivem da exploração dos seus frequentadores.

Mas demos a palavra aos alunos, afinal, os verdadeiros críticos do trabalho que tem sido feito. Continua José Borges a falar:

«Sendo eu um aluno que já frequento o Centro de Estudos desde o seu princípio, tenho notado que os professores têm de facto, assumido o seu papel com muita dignidade. Isto quer dizer que o ensino tem uma certa qualidade, só possível pela sua dedicação e empenho».

Da parte dos responsáveis mais directos pelo funcionamento do Centro, há também a consciência do trabalho realizado, se bem que diversos factores negativos condicionem um maior desenvolvimento. É o caso da falta de instalações mais adequadas e a insuficiência de material didáctico. Por outro lado, parece haver sectores que revelam uma certa má-vontade contra aquela iniciativa, sendo sinal disso o roubo da placa que identificava na porta o Centro de Estudos, bem como o

estranho desaparecimento de diversa propaganda que se tem tentado distribuir e afixar para uma maior divulgação da sua existência.

«Eu quando fiz o ciclo inscrevi-me na Escola Industrial, mas o ambiente era muito pesado para a minha idade. Aqui sabemos que não se vigia ninguém pelo contrário, é aos alunos que compete gerir uma coisa que existe para eles. Eu tenho dado a minha ajuda e talvez por isso ainda fiquei a gostar mais. Mas é preciso aparecer gente nova, para o trabalho não ser sempre só de alguns, os mesmos. Por outro lado, com mais gente era mais fácil aproximar mais o Centro de Estudos das restantes actividades da Nascente».

Este o ponto de vista de Ricardo Pinto, aliás apoiado por outros alunos que chamaram a atenção para a importância da realização de debates e colóquios sobre assuntos diversos, numa prática que o Centro de Estudos já iniciou e se propõe

incentivar mas a que a falta de gente torna difícil de dar continuidade desejável.

Recolhemos também o depoimento de um professor, António José Moreira, que nos afirmou ser o rendimento «ótimo, muito melhor em relação a outros anos, o que se revela, por exemplo no menor número de faltas de professores e alunos. Mas as dificuldades são muitas, até de quadros temos falta. Enfim, alguns problemas que seriam resolvidos com a atribuição de um subsídio».

O subsídio que não há, nunca houve, mas a vontade que, apesar de tudo não vai faltando. A vontade de não deixar morrer uma obra que está ligada ao próprio aparecimento da Nascente, já lá vai meia dúzia de anos. E que teima em manter-se de pé, para raiva de alguns mas para serviço dos muitos trabalhadores-estudantes que por lá têm passado. Centro de Estudos da Nascente, uma porta aberta para quem quer ir mais longe.



Centro de Estudos: mesmo no meio das dificuldades, um trabalho que merece apoio.

Bonecos de Santo Aleixo:

A arte e o saber popular

No passado domingo, nas instalações que darão lugar ao futuro Auditório-NASCENTE (a propósito, já comprou uma rifa?), realizou-se um espectáculo com os famosos «Bonecos de Santo Aleixo».

Muitas pessoas, acomodadas como podiam, tiveram a rara oportunidade de assistir ao verdadeiro teatro popular. Muito se tinha ouvido falar destes «Bonecos», mas ao certo pouca gente esperava ver o que viu: a arte, a técnica, o sarcasmo popular, a tradição. Num painel desfilavam os bonecos manuseados pelos membros do grupo de teatro «Bonifrates», acompanhados pela voz e pela música feita ao vivo. São vários os momentos ou actos, todos eles impregnados de verdade social e de muita graça popular. O diálogo é uma outra constante: às perguntas postas pelo pequeno boneco o espectador entra na conversa, levando sempre uma resposta rimada:

Actor: «Que animal é este?»

Público: «É um boi!»

Actor: «Quem o diz também já o foi!»

O espectáculo teve ainda outro significado pois foi o último que a companhia «Bonifrates» deu com o actual elenco. Efectivamente a saída de alguns actores vai obrigar à formação de outros que se enquadrem nestes difíceis papéis: é que não é nada fácil manusear com tanto rigor aqueles pequenos e engraçados bonecos.

Enfim, um bom fim de tarde de domingo na companhia de uma tradição que remonta de há três séculos e que em boa

hora os «Bonifrates» acarinharam.

A organização foi da Nascente. Uma vez mais.

Talho e Charcutaria

CENTRAL

Joaquim F. Nogueira da Fonseca
(RAIMUNDO)

BOAS CARNES — SERVIR BEM

Rua 15 n.º 268 — ESPINHO
Tel. 721929

NUNO A. PEREIRA

PSIQUIATRA

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS NERVOSAS

CONSULTÓRIO: RUA 31 N.º 321

MARCAÇÕES — 18,30 H. — 21,30 H.

TELEFONE 720689 — ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS

NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

GUERRA NUCLEAR: Humanidade ameaçada

alastra a subnutrição e a doença, a maioria desses homens e mulheres, não está informado sobre as consequências de uma guerra nuclear, não sabe ser impossível uma guerra nuclear limitada, não sabe que os armamentos nucleares armazenados permitiriam destruir, não uma, mas várias vezes, toda a vida no planeta.

Em segundo lugar, unir esforços, dar as mãos a milhões de mulheres e homens de boa vontade que se manifestam resolutamente em toda a Europa contra o estacionamento nos seus países de armas nucleares e de mísseis transportadores de armas nucleares, proclamam a necessidade do desarmamento geral, completo, simultâneo e controlado, e exigem a utiliza-

continuação da página 8

ção dos recursos despendidos na indústria de guerra para o desenvolvimento económico e social.

A Comissão de Trabalhadores Científicos do Movimento Não As Armas Nucleares Em Portugal (apoiada pela Organização dos Trabalhadores Científicos) está a iniciar uma campanha de mobilização dos TC's portugueses para a luta pela Paz, contra a instalação de armas nucleares em Portugal. Trabalha connosco. Visita-nos ou telefona-nos às quartas-feiras das 18,30 às 20 horas na sede da OTC:

Av. Miguel Bombarda, 91-1.º
1000 LISBOA

Cartório Notarial de Espinho

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 7 deste mês de Janeiro, lavrada de folhas 58 verso a 59 do Livro de notas para escrituras diversas número 27-E, deste Cartório Notarial de Espinho, a sede social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «TUL-COLOR — TEXTEIS, LIMITADA» foi transferida da Rua António Carneiro, números 375 a 381, freguesia do Bonfim, da cidade e concelho do Porto, para o lugar do Souto, freguesia de Anta, deste concelho, tendo sido alterado o artigo primeiro do pacto social que rege a mesma sociedade, assim:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação «TUL-COLOR — TEXTEIS, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento no lugar do Souto, freguesia de Anta, deste concelho de Espinho, podendo a sede

social ser mudada para outro local por simples deliberação dos sócios, e durará por tempo indeterminado, a contar da data da sua constituição.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL

Espinho e Cartório Notarial, 8 de Janeiro de 1982. Ressalvo as emendas «381» «para» «tem» «para».

O Ajudante do Cartório,
José dos Santos Sil

Tribunal Judicial da Vila da Feira

ANÚNCIO

Pela 1.ª sec. do 1.º Juízo da comarca de Vila da Feira, correm éditos de 20 dias, contados a partir da 2.ª e última publicação deste, citando os credores desconhecidos do executado José da Costa Graça, casado, comerciante, residente na R. 11 n.º 250-1.º Dto., da cidade e comarca de Espinho, para, no prazo de 10 dias, findos aqueles dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos nos autos de Execução Sumária N.º 87/81, e que ao mesmo move o exequente António Manuel Correia Ribeiro, vendedor, residente na R. 20 n.º 371, da mesma cidade de Espinho, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados ao mesmo.

Vila da Feira, 4 de Janeiro de 1982.

O Juiz de Direito
António José Cortes Cardoso de Albuquerque

O Escrivão Adjunto
Manuel do Rosário Oliveira

TRIBUNAL DE TRABALHO DA FEIRA Anúncio

O Doutor Vitor Manuel Moreira de Sá Camboa, Juiz do Tribunal do Trabalho da Feira:

FAZ SABER que na acção com processo comum ordinário n.º 55/78, pendente na 1.ª Secção, deste Tribunal, movida pelo Autor Alberto Fernando Martins Monteiro da Fonseca, metalúrgico, residente na Rua de Passos, n.º 640, Serzedo, Vila Nova de Gaia, contra MANUEL RODRIGUES DOS SANTOS e mulher, ele ausente em parte incerta da Venezuela, com última residência conhecida em Ponte de Anta, freguesia de Anta, do Concelho de Espinho, é este réu citado para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de DEZ DIAS, que come-

ça a correr depois de finda a dilação de TRINTA DIAS, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, sob pena de se terem por confessados os factos articulados pelo Autor e, para no mesmo prazo, se opôr, querendo, ao pedido de assistência judiciária formulado, cujo valor do pedido da acção é do montante de 154.738\$80.

Feira, 13 de Janeiro de 1982

O Juiz de Direito
Vitor Manuel Moreira de Sá Camboa

O Escrivão Adjunto,
Adérito Madureira

Cartório Notarial de Espinho

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura desta data, lavrada de folhas 146 verso a 147 verso do livro de notas para escrituras diversas número 41-D, deste Cartório Notarial de Espinho, foi dissolvida a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «AZEVEDO, BRITO & MARTINS, LIMITADA», com sede na freguesia de Silvalde, deste concelho, com efeitos a partir de 30 de Outubro deste ano,

a mesma não possuindo activo e igualmente não deixando passivo, tendo as contas sido aprovadas naquela data de 30 de Outubro deste ano.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL

Espinho e Cartório Notarial, 4 de Dezembro de 1981. Ressalvo as emendas «verso» «freguesia».

O Ajudante do Cartório,
José dos Santos Sil

A MODELAR

Telefone
923068



Rua 16 — Merc. Municipal
4500 ESPINHO

Aviamento rápido de receitas de óculos com descontos das Caixas de Previdência

M MOREIRA OCULISTA ÓPTICA

INSTRUMENTOS DE PRECISÃO

RUA 27 N.º 700

4500 ESPINHO

O Recanto

ALBERTO JOSÉ PEREIRA REIS

Mobiliário Artístico
e Decorações

Rua 12 n.º 593 — ESPINHO
Telef. 723299

Casa Travassos

Lembra-lhe que em tempo de austeridade, a bicicleta é o seu transporte.

ANG. DAS RUAS 18 e 15
ESPINHO

ISAURA

CABELEIREIRA

Rua 16 n.º 752
Telefone 722461

ESPINHO

CASA EMANUEL

O CHARME EM ACESSÓRIOS FEMININOS

BIJUTARIAS, CARTÉIRAS, POCHETTES, LENÇOS, LUVAS ECHARPES, CHAPEUS BOINAS, GUARDA-CHUVAS ETC.

CENTRO COMERCIAL SOLVERDE — 1.º ANDAR
Avenida 8 — ESPINHO

SALDOS RAICA PRONTO A VESTIR

HOMEM — SENHORA

Rua 62 n.º 101

Telef. 722896

ESPINHO

RESTAURANTE — SNACK-BAR

O PADRINHO

Especialidade da Casa: Cabrito assado
Aberto todos os dias até às 2 horas da manhã

Av. 24 n.º 697 - Tel. 720665 - ESPINHO



Cartório Notarial de Espinho

Notária: Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

«PINTO & COELHO, LIMITADA»

Certifico que por escritura de 12 de Novembro de 1981, lavrada de folhas 103 a 104, verso, do livro de notas para escrituras diversas 26-E, deste cartório, Fernando Pereira Pinto e Vasco de Almeida Coelho Júnior, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «PINTO & COELHO, LIMITADA», e tem a sua sede e estabelecimento na Rua Vinte, número mil e oitenta e nove, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho, e a sua duração por tempo indeterminado, a partir desta data.

Parágrafo único — Por simples deliberação da assembleia geral, a sede social poderá ser deslocada para qualquer outro local.

Segundo — O seu objectivo é comércio de compra e venda de veículos automóveis e seus pertences, podendo entretanto dedicar-se a outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja permitida por lei.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de um milhão de escudos, e corresponde à soma de duas quotas iguais de quinhentos mil escudos cada uma pertencentes uma a cada um dos sócios.

Quarto — A sociedade pode exigir dos sócios prestações suplementares de capital desde que a assembleia geral o delibere por unanimidade dos votos representativos de todo o capital social, e os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, mediante as condições estabelecidas por deliberação a tomar em assembleia geral.

Quinto — A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento do sócio não cedente, que fica com o direito de preferência.

Sexto — A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, compete a ambos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, sendo suficiente a assinatura de um deles para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos e a representar em juízo, activa e passivamente.

Sétimo — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência pelo menos, salvo os casos em que a lei exija outra forma de convocação.

Oitavo — Por morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com o sócio sobrevivente ou capaz e os herdeiros ou representante legal do falecido ou interdito, devendo aqueles nomear um de entre si que a todos represente na sociedade enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL

Espinho e cartório notarial, 27 de Novembro de 1981.

O Ajudante do Cartório,
Marcelina dos Santos Ferreira Coelho

DESPORTO

VOLEIBOL — Três «capotes» ao Esmoriz

Nacional da I Divisão — Seniores Masculinos — SCE, 3 — Esmoriz, 0; II Divisão — Carvalhos, 0 — AAE, 3; Seniores Femininos — SCE, 1 — Esmoriz, 3.

15-5, 15-4 e 15-7 foram os parciais do último jogo do Sp. Espinho da primeira volta desta fase norte do Nacional. O regresso da equipa ao seu melhor é bem evidente na carreira que tem feito nesta prova, na qual permanece imbatido. Desta feita a vítima foi um Esmoriz, desmoralizado, bem longe do que foi campeão regional e neste momento a cumprir 10 jogos de interdição do seu campo. Coisa que o SCE já experimentou e que por certo não querará voltar a experimentar.

Já no sector feminino, o resultado inverteu-se, para mal das aspirações espinhenses quanto à classificação para a fase final, que agora aparece mais comprometida.

ANDEBOL

Mais uma derrota, mas 3.º lugar garantido

Seniores Masculinos — SCE, 18 — Académico, 19; Juniores Masculinos — SCE, 25 — Gaia, 29; CDUP, 25 — SCE, 11; Juvenis Femininos — SCE, 24 — Petrogal, 4; Infantis Femininos — SCE, 24 — Petrogal, 8.

A derrota dos seniores frente a uma equipa mais motivada, a lutar pelo 4.º lugar, não põe em causa a qualificação para a fase final, mas já os juniores estão em risco de cair na II Divisão, o que a acontecer, está muito pouco de acordo com o trabalho que o clube vem fazendo nas camadas jovens. Quanto ao sector feminino, tudo vai bem e espera-se que continue agora que se vão iniciar os campeonatos regionais para seniores e juniores.

HÓJUEI EM PATINS

Nacional da II Divisão — AAE, 4 — Águias do Porto, 0; Juvenis — Desportivo da Póvoa, 0 — AAE, 3 Juniores — AAE, 4 — Carvalhos, 5.

Os juniores concluíram no 3.º lugar o Regional, enquanto os juvenis abriram da melhor maneira a fase final do Torneio de Abertura. Os seniores venceram sem problemas, apesar da complicação que surgiu pela marcação simultânea para o pavilhão da AAE de um festival de patinagem artística. Interrompeu-se o festival, está bem de ver...

FUTEBOL JUVENIL

Juvenis melhor do que juniores

Juniores — SCE, 0 — Sanjoanense, 0
Juvenis — SCE, 6 — Argoncilhe, 0

Sorte diferente para as duas equipas do SCE: os juniores estão já despromovidos ao distrital e os juvenis lutam pelo título distrital de Aveiro. Um jogo disputado ontem, no Avenida, com o Feirense, poderá ter ajudado a isso.

Presidente da Câmara na ultrapassagem da crise directiva do Sp. de Espinho

...mas José Fonseca poderá encontrar obstáculos!

A crise directiva do Sporting de Espinho poderá ser solucionada numa Assembleia Geral marcada para a próxima 6.ª feira, altura em que poderá ser ratificada a lista dos novos corpos gerentes do clube.

Tudo indica que assim será, dado o facto de o actual presidente da Câmara, José Fonseca, ter aceitado encabeçar o próximo elenco directivo, preenchendo assim o lugar que se

afigurava de solução mais difícil. Os nomes dos vice-presidentes já assegurados são os de Higinio Padrão, José Mendes e Alberto Soares, mas continuava por resolver, à hora em que fechamos esta edição, a sucessão de Rolando Sousa, que declinou o convite para continuar à frente do Departamento das Actividades Amadoras. Romeu Vité é uma hipótese bem possível.

Quanto a José Fonseca não são ainda conhecidos publicamente os seus projectos quanto ao futuro do clube, nem tão pouco de que modo este seu novo cargo se relacionará com a sua actual ou uma futura presença na Câmara de Espinho.

Entretanto, há já notícias (só boatos...) de que surgirá uma oposição forte e endinheirada a esta lista. Esperemos para ver...

V. Guimarães, 2 — Sp. Espinho, 0

Procurou Manuel José muitas soluções para este jogo, desde uma defesa reforçada, com José Augusto a «trinco» e os quatro defesas à frente do guarda-redes Mendes, até a um ataque de «perdido por oito, perdido por oitenta» com nada menos de 4 avançados, coisa muito pouco vista neste futebol dos nossos dias.

No entanto, as intenções não

chegam e os objectivos do treinador do SCE não foram concretizados pelos seus jogadores: a inviolabilidade da baliza de Mendes durou pouco tempo e o «forcing» final também não deu resultado. Joaquim Rocha, com os dois golos e um penalty falhado, foi o principal responsável por mais este resultado negativo.

De positivo ficou sobretudo

a presença do excelente profissional que é Balacó, não se confirmando por isso a gravidade de que se chegou a temer para a sua lesão frente ao União de Leiria.

Jogaram pelo SCE: Mendes; Jacinto, Serra, Balacó e Raul; José Augusto (Armindo); João Carlos, Ruben (Móia) e Salvador; Moinhos e Vitorino.

C. A. E. na Rebordosa

A Associação Cultural e Recreativa de Rebordosa, realizou no passado domingo 24/1/82 o li Grande Prova de Atletismo que foi integrada nas Comemorações do seu 22.º Aniversário, onde estiveram presentes mais de 300 atletas, no qual o Clube Académico de Espinho esteve mais uma vez presente com 3 equipas tendo as seguintes classificações:

ESCALÃO A dos 7 aos 10 anos — Luís Miguel 5.º, medalha; António Manuel 14.º; Victor Carneiro 15.º; Carlos Maia

22.º.

ESCALÃO B dos 11 aos 13 anos — António Pinto 12.º, medalha; José Américo 13.º; Celestino Pereira 16.º; Jorge André 17.º; Constantino Pereira 23.º. ESCALÃO D a partir dos 17 anos — Virgílio Soares 5.º, taça; Manuel Mourão 31.º; Celestino Bessa 36.º; Manuel Ferreira 50.º; António Faustino 56.º.

Ao Clube Académico de Espinho foi oferecida uma taça por ser o Clube mais distante que participou na prova.

Mini-Mercado

CHINÔCO

Completo sortido de mercearias finas, Especiarias, Charcutaria e Laticínios, Frutas, Frangos, Patos, Perús, Coelhos, Codornizes e ovos.

Avenida 24 n.º 197

4500 ESPINHO

JOSÉ GRANJA

— O MELHOR DE 1981

Sucedendo a António Leitão e Vitor Hugo, o golfista José Granja foi escolhido por um júri reunido sob a égide da Câmara como o «melhor desportista espinhense de 1981». Granja recolheu 57 votos, contra 41 de Leitão e 21 de Palmira Castro, do voleibol do SCE.

A «revelação do ano» foi Filipe Vité, do voleibol do SCE, seguido de Paula Rodrigues, do andebol do SCE e Nuno Marçal, do hóquei em patins da AAE.

Agostinho Pedrosa

MÉDICO PEDIATRA

Marcação a partir das 15 horas às 2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª feira

Consultório — Rua 19, 343, Sala B
Telefone 922713 — ESPINHO

Residência — Brito - P. da Granja
Telefone 9620795 — V. N. GAIA

Casa especializada em artigos para Noivas
Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — Telef. 724203 — ESPINHO

CAFÉ * SNACK-BAR

GOLFINHO

Especialidade em Francesinhas

Rua 2 n.º 663 — ESPINHO

Guerra Nuclear: Humanidade ameaçada

Recebemos da Comissão de Trabalhadores Científicos do movimento «Não às armas nucleares em Portugal», um importante documento em que se esclarece a opinião pública sobre este problema, alertando simul-

taneamente para a sua extrema gravidade.

Porque tal documento é antes de mais um importante contributo para o entendimento dos perigos da ameaça de nuclearização que o nosso país corre,

não hesitamos em publicar as suas partes constitutivas de maior significado. Decerto que após esta leitura ficará com uma base mínima para analisar à luz da razão este complicado quanto perigoso problema.

EXISTE O PERIGO DE UMA GUERRA NUCLEAR ?

Existe, é bem real e cresce a cada momento. Com a aceleração da corrida aos armamentos, a não aplicação e o desrespeito de acordos e tratados já concluídos, a intoxicação permanente que sustenta um clima de medo e angústia propício a reacções emocionais, criam o sentimento da iminência e inevitabilidade de um conflito nuclear, procuram justificar o constante reforço do imenso arsenal bélico já amontoado. Existe, é bem real e cresce a cada momento, com a introdução de novas armas de destruição massiva e o aperfeiçoamento das já existentes, umas e outras cada vez mais complexas e de resposta mais difícil, obrigando a sistemas de detecção, prevenção e contra-ataque, também, cada vez mais complexos e, por isso mesmo, mais falíveis.

Um falso alarme pode pro-

vocar o holocausto. A desertificação de um continente inteiro pode advir de um erro de manobra, do aquecimento anormal de um circuito integrado, da programação incorrecta de um computador. Muitos se recordarão de que, num curto intervalo de tempo, por mais de uma vez, as agências noticiosas divulgaram terem-se registado erros de identificação que levaram a confundir simples fenómenos atmosféricos ou outras perturbações, com sinais de aproximação de mísseis inimigos. Erros do complexo sistema de prevenção electrónica das Forças Armadas dos EUA, detectados a escassos minutos apenas do instante previsto para o contra-ataque de resposta. Erro de «software»? Erro de «hardware»? Eis uma questão que pouco importaria a milhões de cadáveres calcinados, jazen-

do entre escombros.

E que pensar da irresponsabilidade de políticos e chefes militares que se propõem construir um novo sistema de «defesa», exemplar, que custaria mais de seis mil milhões de contos e assentaria num dispositivo complexo, equipado com uma a duas centenas de mísseis de longo alcance e cargas nucleares múltiplas, movimentando-se permanentemente em extensas galerias subterrâneas, duas a quatro mil posições de tiro, por forma a que o inimigo não possa saber o local exacto em que se encontram!

Esta é a realidade que enfrentamos — jogo mortal que ultrapassa a ficção pseudo-científica do cientista louco — conquistador-do-mundo. A ciência alienada e alienante ao serviço da morte.

SE OUTRA GUERRA HOVER, SERÁ APENAS MAIS UMA GUERRA ?

Não seria assim, pois nunca, como hoje, os arsenais militares dispuseram de um potencial explosivo destruidor suficiente para aniquilar várias vezes a vida humana sobre a face da terra. Nunca, como hoje, os sistemas militares ofensivos e defensivos possuíram um tão elevado grau de automatismo, susceptível de permitir a um pequeno grupo de desesperados

ou irresponsáveis, situados em altos postos de comando, atingir e aniquilar num curto lapso de tempo centros urbanos e populações civis, mesmo contra a vontade dos seus povos e sem intervenção de exércitos ou outras forças regulares. Nunca, como hoje, os arsenais militares dispuseram de meios nucleares de destruição massiva cuja utilização, através da conta-

minação radioactiva e da irradiação directa dos seres vivos com doses maciças, impediria durante longos anos, a eventuais sobreviventes, a utilização de recursos naturais, de fontes de água, de colheitas, em vastos territórios, provocaria graves alterações genéticas e lesões latentes, só reveladas a médio ou a longo prazo.

SERÁ POSSÍVEL UMA GUERRA NUCLEAR LIMITADA ?

É ingénua e perigosa a ideia da possibilidade de uma guerra nuclear limitada. Os meios de manipulação de massas constituídos por certa imprensa, rádio e TV, difundem a ideia da viabilidade de uma guerra nuclear limitada que serviria para meter na ordem adversários incómodos, defender interesses ou posições de ordem política ou económica, garantir o acesso a fontes de matérias primas vi-

taís. Tal ideia é um mito propagandeado para adormecer uma opinião pública cada vez mais desperta e menos disposta a ceitar a pretensa finalidade defensiva de uma escalada armamentista sem fim. Já que, naturalmente, ninguém são de espírito aceita como objectivo defensável a guerra nuclear generalizada — a destruição da Humanidade.

E se, ao contrário, o agres-

sor levasse a melhor, numa primeira fase de agressão nuclear? Então, isso significaria, sem dúvida, que o campo contrário na defensiva, não teria empregado todos os meios de defesa ao seu dispor. Mas nesse caso, de que garantias disporia o campo da paz de que o agressor não prosseguiria, guerra limitada após guerra limitada, até ao apocalipse final?



QUE FAZER PARA COMBATER O PERIGO REAL DE CONFLITO NUCLEAR GENERALIZADO ?

Em primeiro lugar, informar-se e informar os outros. A maioria daqueles que não participam ainda nos grandes movimentos políticos de opinião e de pressão sobre os governos para impôr o diálogo como única via para a resolução dos

problemas internacionais e a redução equilibrada dos armamentos, em lugar da escalada armamentista, como imperativo de sobrevivência e como imperativo moral, num mundo em que

continuação da página 8

Os massacres da Democracia - Cristã

«Solidariedade com El Salvador» teve dia grande na última semana, comemorado um pouco por todo o mundo. Luta-se em El Salvador, como se luta na Guatemala, como se lutou na Nicarágua.

Há 50 anos, precisamente a 22 de Janeiro, uma insurreição camponesa liderada por Farabundo Marti foi reprimida pela ditadura militar, que provocou o massacre de 30 mil pessoas. Esse massacre ficou conhecido por «La Matanza». Mais recentemente, em 22 de Janeiro de 1980, efectuou-se em S. Salvador, a capital do país, uma grande manifestação que esteve na origem da formação da Frente Democrática Revolucionária, ala política da FMLN (Frente Militar de Libertação Nacional). Num encontro efectuado no México, há algumas semanas, o 22 de Janeiro foi declarado Dia Mundial de Solidariedade com o Povo Salvadorense.

Desde há três anos que os

massacres de populações indefesas entraram no quotidiano de El Salvador. Ainda recentemente, registaram-se mais três. Um presente de Natal que Napoleão Duarte, o ditador pró-americano e convicto democrata-cristão, pois claro, ofereceu aos camponeses da província de Morazan. No regresso de uma operação contra os guerrilheiros da Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional, na qual foram derrotados, os soldados de Duarte desforraram-se nos habitantes de três aldeias. Novecentos cadáveres ficaram abandonados e apodrecendo no meio do caminho.

Na mesma altura, Washington — que com o seu dinheiro, as suas armas, os seus helicópteros e os seus conselheiros, mantém de pé o exército salvadorense e o regime que ele serve — decidia aumentar a sua ajuda. Defesa dos «direitos humanos», já se vê... Ou combate à «ameaça russa», pois...

Nascente - Centro Livreiro

Horário de Funcionamento

2.ª FEIRA, DAS 17 AS 19,30 HORAS
5.ª FEIRA, DAS 21 AS 22,30 HORAS
SÁBADO, DAS 15,30 AS 18 HORAS

MARIE VIVA



PORTE
PAGO Câmara Municipal de
ESPINHO

o fechar

A notícia da disposição de José Fonseca em aceitar a presidência do Sp. Espinho foi acolhida com alguma surpresa nos meios desportivo e político espinhenses, e suscitou naturalmente comentários e ilações das mais diversas. Não deixou contudo de ser uma resposta positiva ao esforço de uns quantos associados em assegurarem o futuro directivo do clube.

É então que, curiosamente, surgem notícias de que outro candidato, fortemente apoiado pelo poder económico local, se vai apresentar para bater José Fonseca. O que, a confirmar-se, poderá levar a pensar o que os fez deixar arrastar-se tanto tempo a crise do SCE para só agora aparecerem como salvadores...